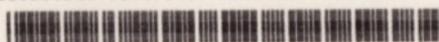


Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030905

## O talento é a vivência

"Até onde pintar é fazer arte ou apenas criar uma mercadoria sofisticada para um público de elite?"

Este é o questionamento feito pelo escritor e crítico de arte Ferreira Gullar em 1978. Vão-se aí exatos seis anos. Mas, o leitor deve concordar, é um questionamento, que além de difícil obtenção de respostas claras, lúcidas e válidas, se torna atual. É uma pergunta que deve percorrer todas as sociedades, ateliers e momentos.

Acredito que neste dezembro, em Campinas, deva ser reeditado tal questionamento! Num período em que todas as galerias de arte - oficiais ou não - da cidade promovem coletivas de arte se faz necessário lembrar aos coordenadores de galerias, aos artistas e ao público, eventual consumidor, que a obra de arte, antes de ser produto mercadológico, é o resultado da expressão humana.

Qual o teor de expressividade que sentimos - que vibra, que pulsa - nos quadros fixados nas paredes de exposição? Serão esses quadros meros artifícios, resultados de fórmulas, repetição de intenções já tão consumidas?

Posso dizer, com garantia, que inúmeros artistas e obras expostas merecem toda credibilidade, por parte do público, dos artistas, dos organismos e organizadores, da Imprensa, da crítica.

Mas acontece, garanto, uma miscigenação muito grande. Nunca se viu em Campinas um número tão grande de artistas. Nunca se viu em Campinas um número tão grande de artistas crus, que não respeitavam sequer nossas consciências.

Agravante maior é o apoio dado pelas galerias e pelo poder público.

A organização, seleção inexistente!



MACC, exemplo da ineficaz cultura campineira

Mas, se como digo, a arte é produto da expressão humana, devemos lembrar que a própria história estabelece uma gramática, limites visuais. Se estes limites devem ser ampliados e negados, devem ser fundamentalmente conscientes.

Existe uma vulgarização da arte campineira atual. O pensamento geral é: "Somos todos artistas, maravilhosos e completos".

Não é bem assim. O talento, o verdadeiro talento só é digno quando apresentado e consequentemente percebido, via obra de arte. Não bastam entrevistas ou boas amizades. Temos, até, artistas que nos ignoram, nos olham com desdém (que ridículos). Temos até, artistas que não aceitam o papel da crítica. Temos, até, artistas que necessitam (de maneira extrema e inconsequente) da crítica de arte. Outros, até, boicotam!

Já, os espaços sofrem de males semelhantes. As correspondências, convites e catálogos, costumeiramente, che-

gam - quando chegam - atrasados. Muitas vezes, mesmo conferindo horários, encontrei espaços fechados. O comum é encontrar galerias com as luzes apagadas e não prontamente acendidas. A falta ou má etiqueta é, também normalmente, constatada.

Me parece que a preocupação dos artistas é criar (engordar) currículos. Competem com quem?

Grupos. Existe em Campinas definidos grupos de artistas - verdadeiros guetos - que se suportam e buscam abocanhar as "verdades" do mercado que lhes apresenta convênias. Já que o panorama artístico local é dominado pelos poderes de nossa municipalidade e pelos padrões de cultura estabelecidos (?) por ela, vemos, constantemente, equívocos de ordem organizacional e seletiva. Já que não existem regras para a arte local, todos querem seu lugar. Se merecem ou se fizeram por merecer, não importa, afinal: são todos artistas, maravilhosos e completos.